

ISSN: 1647-3949

ANUÁRIO 2009

A HISTORIOGRAFIA SOBRE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE 1980-2008: UMA LEITURA

Augusto Nascimento



Centro de Estudos de História do Atlântico

Anuário 2009

Centro de Estudos de História do Atlântico • Funchal, Madeira (2009)

ISSN: 1647-3949

pp. 180-194

REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA



A HISTORIOGRAFIA SOBRE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE 1980-2008: UMA LEITURA¹

Historiography on São Tome and Principe 1980-2008:
A Reading

Augusto Nascimento²

RESUMO: Este artigo contém uma apresentação da historiografia sobre o arquipélago equatorial nas décadas recentes. Listam-se os principais autores e referem-se algumas das principais temáticas da história são-tomense. Algumas são relevantes do ponto de vista historiográfico, outras tem sobretudo uma valia simbólica e relacionada com a afectividade nacionalista de um país que, depois de cerca 500 anos de ligação a Portugal, se tornou independente em 1975. São ainda poucos os estudos sobre o arquipélago e, num certo sentido, a trajectória do país desde a independência tem influído na débil produção histórica local.

PALAVRAS-CHAVE: São Tomé e Príncipe; historiografia.

ABSTRACT: This article contains a presentation of history on the islands in recent decades. The article refers not only the main author as well as some of the main themes of archipelago's history. Some themes are relevant to historiography. Others have symbolic value related to the affection of a nationalist country that, after about 500 years of colonial history, became independent in 1975. In a sense, there are still few studies on the local history. The trajectory of the country since independence has influenced the weak local historical production.

KEYWORDS: São Tome and Principe; historiography.

1 Previsivelmente, hoje teria escrito um texto diferente do "S. Tomé e Príncipe nos séculos XIX-XX: os estudos pós-independência", publicado em 1994 e que pretendeu ser uma resenha dos estudos efectuados até essa data.

2 **Augusto Nascimento** nasceu em Lisboa, a 28 de Março de 1959. Licenciou-se em História em 1981 pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa. Foi cooperante em São Tomé e Príncipe entre 1981 e 1987. Tornou-se Mestre em 1992. Em 2000, obteve o grau de Doutor em Sociologia, na especialidade de Economia e Sociologia Históricas pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Investigador auxiliar do Instituto de Investigação Científica Tropical, em Lisboa. Colabora com o Centro de Estudos Africanos do ISCTE e com o Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. Autor dos seguintes livros: *Poderes e quotidiano nas roças de S. Tomé e Príncipe de finais de Oitocentos a meados de Novecentos* (2002), *Órfãos da Raça: Europeus entre a fortuna e a desventura no S. Tomé e Príncipe colonial* (2002), *Desterro e contrato. Moçambicanos a caminho de S. Tomé e Príncipe (anos 1940-1960)* (2002), *O sul da diáspora. Cabo-verdianos nas plantações de S. Tomé e Príncipe e de Moçambique* (2003), *A misericórdia na voregem das ilhas. Fragmentos da trajectória das Misericórdias de S. Tomé e do Príncipe* (2003), *Entre o mundo e as ilhas. O associativismo são-tomense nos primeiros decénios de Novecentos* (2005), *O fim do caminhu longi* (2007), *Ciências sociais em São Tomé e Príncipe: a independência e o estado da arte* (disponível em www.africanos.eu) (2007), *Atlas da Lusofonia. S. Tomé e Príncipe*, no prelo. Autor de dezenas de artigos científicos em publicações nacionais e internacionais.



Depois da interessante obra de Robert GARFIELD, 1971, *A history of São Tomé island, 1470-1655*³ – uma narrativa que, embora sintética, fornece uma explicação sugestiva para um período em que a aparente perda de determinação dos ilhéus sobre o seu devir colectivo se sucedeu a uma época de avultados ganhos com a cultura açucareira – passaram-se anos sem surgirem textos relevantes sobre a história do arquipélago na época moderna. Porém, ao longo dos últimos vinte anos, produziu-se um apreciável conjunto de teses de mestrado e doutoramento em universidades portuguesas, designadamente na Universidade Nova de Lisboa. De cariz monográfico, com elevado grau de minúcia e assentes numa pesquisa sistemática de fontes primárias até há anos inexploradas, essas dissertações foram paulatinamente proporcionando conhecimentos relativos ao lapso temporal desde a descoberta até aos primórdios do século XIX. Parte dessas teses foram o ponto de partida para os vários textos de *A colonização atlântica*, tomo 2, do volume III da *Nova História da Expansão Portuguesa*⁴.

Embora construída segundo uma lógica diversa, mais atida à problematização e à análise das tendências de evolução política, administrativa, económica e cultural do império, também a *História da Expansão Portuguesa*⁵ oferece materiais sobre o arquipélago equatorial.

Portanto, graças a várias dissertações de mestrado e de doutoramento – defendidas no estrangeiro e em grande parte por estrangeiros, designadamente por estudantes portugueses de mestrado e de doutoramento – a historiografia sobre São Tomé e Príncipe apresenta-se hoje menos lacunar. Para ser mais preciso – e sem desmerecer os contributos da divulgação de fontes primárias no tempo colonial, muito ligada aos propósitos comemorativos do regime –, a história de São Tomé e Príncipe era praticamente desconhecida até à publicação da magistral obra de Francisco TENREIRO, *A ilha de São Tomé*, em 1961. Actualmente existe um razoável conhecimento da evolução de São Tomé e Príncipe, que permite, por exemplo, exercícios comparativos com outros espaços outrora sob dominação portuguesa. Em linha com a renovação da produção historiográfica nos últimos anos, e diferentemente do sucedido com a historiografia apologética da obra colonizadora portuguesa, as dissertações denotam um claro esforço de demarcação do etnocentrismo e uma procura de lógicas políticas e sociais locais referidas ao território insular.

No tocante aos séculos XIX e XX, o propósito similar de facultar uma visão de conjunto revelar-se-á muito mais laborioso e complexo (em termos comparativos, note-se que a *História Geral de Cabo Verde* se quedou pelo período moderno), até pelas múltiplas possibilidades de uma análise pluridisciplinar acerca de um tempo histórico mais próximo e, diríamos, ideologicamente mais contaminante. Mas não só. A complexidade deriva também da maior abundância de fontes, designadamente as produzidas pela administração colonial, existentes, por exemplo, no Arquivo Histórico de São Tomé e Príncipe e, em Lisboa, no Arquivo Histórico Ultramarino, na Torre do Tombo e no Arquivo Histórico do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

No tocante ao período contemporâneo, importa ter em conta as menções a São Tomé e Príncipe nos textos de Valentim ALEXANDRE, assim como se podem consultar os capítulos referentes ao arquipélago nos volumes da *Nova História da Expansão Portuguesa*, grosso modo coincidentes com o liberalismo, *O império africano 1825-1890*⁶, e com a República, *O império africano 1890-1930*⁷.

Mencionem-se os trabalhos de W. Gervase CLARENCE-SMITH, focados nas questões

3 Veja-se uma apreciação crítica da obra de GARFIELD em Filipa SILVA, 2002: 17-18.

4 Volume coordenado por Artur Teodoro de MATOS, tendo a obra sido dirigida por Joel SERRÃO e A. H. de Oliveira MARQUES, publicada pela Estampa.

5 Dirigida por Francisco BETHENCOURT e Kirti CHAUDHURI, a *História da Expansão Portuguesa* foi publicada pelo Círculo de Leitores.

6 Coordenado por Valentim ALEXANDRE e Jill DIAS.

7 Coordenado por A. H. de Oliveira MARQUES.



relativas ao progresso da fronteira do cacau pelo mundo e na comparação entre os custos do trabalho escravo e livre. Não se pode deixar de citar a produção de Gerhard SEIBERT, mormente a sua tese de doutoramento centrada no pós-independência. Como síntese de referência, cite-se o trabalho de Tony HODGES e Malyn NEWITT.

É provável que o *cheiro do petróleo* e os arranjos geo-estratégicos na sub-região voltem a atrair a atenção sobre o arquipélago. E concretamente sobre a política no período mais recente. É o caso das obras do economista Armindo Ceita Espírito SANTO, que versam a evolução no pós-independência.

A visão de conjunto

Por conseguinte, diferentemente de há décadas, o conjunto dos estudos proporciona um conhecimento de uma trama histórica com base na qual muitos se permitirão escorar interpretações sobre o devir são-tomense. Para outros, mormente para os são-tomenses, esta produção permanecerá aquém de um desígnio que lhes parece exequível e desejável, a elaboração de uma história compreensiva do seu país e do “povo” são-tomense ou, numa perspectiva mais cautelosa, dos são-tomenses.

No arquipélago, a espaços projectam-se sobre a história (e sobre o saber histórico) interrogações a que ela não pode responder. Desde logo porque sobram as perguntas derivadas da retro projecção das preocupações actuais, para que não se encontram respostas no cúmulo do conhecimento histórico. Por exemplo: está a história em condições de fornecer uma descrição exaustiva de um (suposto) veio idiossincrático dos ilhéus resultante da interacção com África e o Brasil e, com altos e baixos, de quinhentos anos de história imbricada com a de Portugal? Creio que nenhuma pesquisa histórica responderá cabalmente a perguntas relacionadas com a definição (sempre questionável) da idiossincrasia dos são-tomenses, para mais se, como já sucede hoje no arquipélago, essa idiossincrasia foi reificada enquanto factor de perda política e social nas derradeiras décadas. Ainda que o conhecimento histórico se me afigure imprescindível, os problemas da recente evolução política não têm necessariamente uma resposta na história. E menos ainda na produção de recorte académico.

Afinal de contas, não foi esse o fito dos investigadores que, sem ligações afectivas, elaboraram teses de pendor monográfico. Além de organizar de acordo com os cânones da narrativa histórica os vários dados compulsados nas fontes – algumas folheadas pela primeira vez e disponibilizadas nos anexos documentais –, os autores das dissertações estavam, porventura, mais preocupados com perspectivas comparativas do que com interpretações compreensivas (improvavelmente) úteis para a percepção do modo de ser e de agir dos são-tomenses. Dito de outra forma, as dissertações foram elaboradas de acordo com o interesse de testar variáveis e de compor uma sequência histórica num dado arquipélago e não em alicerçar visões compreensivas sobre a história de um “povo”, uma entidade que, embora muito prezada pelos são-tomenses, é muito discutível enquanto sujeito histórico.

Não se encontra uma visão de conjunto, que, talvez, só certas circunstâncias históricas e geográficas autorizem (ilusoriamente) a pensar que é possível traçar. Realce-se, aliás, que a imutabilidade inadvertidamente associada à condição arquipelágica é enganadora: não só o arquipélago já compreendeu as ilhas de Fernando Pó e Ano Bom, como a interacção com variados povos não foi menor do que noutras regiões africanas.

Além disso, o nosso tempo – e, ao menos circunstancialmente, o conhecimento histórico actual – não parece propício às grandes sínteses históricas, mesmo se, como se disse, elas parecem prezadas ou procuradas pelos ilhéus que falam da “nossa história” como de algo de irreduzível, só passível de ser entendida pelos são-tomenses⁸, do que, evidentemente, se discordará.

8 Um inventário crítico da produção científica são-tomense no pós-independência pode ser encontrada em NASCIMENTO, 2007b.



Os temas

Seja, como for, deparamo-nos com uma situação ambivalente: por um lado, já dispomos de bastante material e de conhecimentos aprofundados sobre certos períodos da história do arquipélago. Por outro lado, restam muitos problemas por resolver, alguns deles de cariz estritamente histórico, outros mais ou menos induzidos pela configuração actual da sociedade são-tomense.

Dada a politização da história, os momentos fundadores ganharam importância. Têm-na tanto mais que as celebrações da história longínqua – que torna o discurso arbitrário e passível de instrumentalização – passaram a preencher o imaginário colectivo.

Permanece por resolver a questão do(s) ano(s) da descoberta das duas ilhas. É maior o consenso em torno dos dias do que dos anos, conquanto se tenha celebrado o quinto centenário da descoberta de São Tomé em 1970. Hoje, tende a considerar-se que as ilhas teriam sido descobertas entre 1470 e 1480. Seja como for, essa efeméride deixou de contar por não ser previsível que num futuro mais ou menos próximo se encontre razão para a comemorar.

Mais importante do ponto de vista político, pareceu importante saber se as ilhas estavam ou não desabitadas. A questão nasceu após a independência mas acabou rapidamente esvaziada pelo seu nulo préstimo político. Ultimamente como que ressuscitou por aparecer relacionada, imprecisamente que seja, com a autenticidade da identificação africana ou da africanização do país. Nem por isso a questão tem relevância, mas a afectividade relacionada com a narrativa histórica do povo insular, ou de qualquer outro, não tem de ser clarividente. A presença, ou não, de habitantes determinaria quem efectivamente “teria descoberto” e quem “teria ocupado”. Ainda assim, a questão já não prende as atenções.

Outro “momento fundador” é o da revolta de Amador, referido nas aulas do ensino secundário em São Tomé e Príncipe como herói independentista. A respeito de Amador, e sem prejuízo de visões lúcidas sobre a figura no seu contexto, diríamos que alguns estudos projectam um paternalismo que já vai sendo bafiento. Compreende-se o investimento na politização de Amador por parte dos independentistas que querem transmitir “valores” às novas gerações são-tomenses, mas tal não tem que ver com um exercício histórico exigente. Como o que Arlindo CALDEIRA teceu dessa interessante figura que foi o deão Rosário Pinto.

Dada a corrente competição pelo arrolamento do património e por comemorações de efemérides que sirvam de marca no mercado global de bens culturais, em São Tomé e Príncipe discutiu-se a primazia na criação da primeira cidade portuguesa nos trópicos, em imaginada concorrência com a cidade da Ribeira Grande, em Cabo Verde. Para AMBRÓSIO, entre outros, a primeira cidade portuguesa nos trópicos seria São Tomé ou a *Poçon*, nome local de povoação. Ainda há pouco tal questão suscitou uma viva troca de opiniões no ciberespaço.

Com laivos de inovação, ALENCASTRO falou de São Tomé como laboratório das relações sociais, mormente de escravatura, de técnicas e relações de trabalho, das plantações de açúcar e, até, de instituições, como a irmandade do Rosário dos Negros de São Tomé, tudo trasladado para o Brasil⁹. Na realidade, ALENCASTRO recuperou a ideia da experimentação social adiantada por TENREIRO a respeito de São Tomé como de Cabo Verde¹⁰.

O cunho do voluntarismo emancipador da “raça negra” ainda plasma pequenas sínteses. Daí, é pequeno o passo para a ideia, por exemplo, de que a retirada dos colonos para o Brasil se deveu à resistência africana e não às adivinhadas vantagens de um território imenso como o Brasil, especialmente tendo em vista a depreciação do açúcar de São Tomé no mercado europeu e, porventura, também o ataque do “bicho da cana”¹¹. Alguns saberes, técnicas e homens rumaram ao Brasil, o que lembrou também a oportuna actividade do tráfico.

9 ALENCASTRO, 2002: 63-70.

10 Tese subjacente a vários trabalhos de TENREIRO e enunciada em 1964: 15.

11 SILVA, 2002: 36.



Em contraponto a sínteses voluntaristas ou paternalistas, em todo o caso apressadas, há outras que dão que pensar. Entre elas, conta-se a que apresenta São Tomé e Príncipe como uma terra de fronteira. Na realidade, como salienta CALDEIRA, o que torna assinalável o caso do arquipélago não é a ocorrência de conflitos mas a persistência destes ao longo de séculos.

Apesar de encaixarem melhor quer na herança marxista da formação política dos independentistas, quer na recusa consensual da pobreza como algo intolerável e imoral, os conflitos sociais, preferencialmente os de classe – tão mais apropriados quanto coincidentes com a clivagem racial entre brancos e negros –, pareceram explicar a evolução histórica do arquipélago. Tenho algum cepticismo em conceder importância histórica proporcional ao inegável fragor de alguns destes conflitos. Provavelmente, as clivagens nas camadas dominantes foram sempre mais decisivas do que as revoltas dos escravos ou, posteriormente, dos serviçais.

Já após a independência, a feição eurocêntrica e desenvolvimentista – mais propriamente sacralizadora do trabalho – do regime de partido único não deixou muito espaço para os testemunhos da africanidade no território. Ao tempo, também os processos de integração social e, simultaneamente, de arregimentação ideológica não convidavam a valorizar essa africanidade. São Tomé e Príncipe era tida por uma sociedade crioula e, nesta síntese, ia praticamente tudo quanto era caracterização psicossocial dos são-tomenses, se é que tal síntese caracterizadora aduz algo ao conhecimento dos homens do arquipélago.

Na verdade, sob novas abordagens subsiste uma questão de difícil resolução, a da classificação da sociedade são-tomense: sociedade africana ou crioula? Dependerá do ponto de vista, muitas vezes definido em função de pressupostos implícitos (amiúde ideológicos e políticos), de quem formula e responde a tal questão. Uns afirmam que o arquipélago é africano, outros que se aproxima mais das sociedades crioulas, mormente dos espaços insulares do Caribe, outros, ainda que São Tomé e Príncipe é uma sociedade a um tempo crioula e africana. Já EYZAGUIRRE fala de uma sociedade plural, isto é, dividida em segmentos com fraco contacto entre si devido à existência das roças que, mais do que empresas económicas, seriam esteio da dominação colonial¹².

À data da independência, existia uma singularidade étnica, os Angolares, de resto não muito vincada em razão da integração social no final do colonialismo. O voluntarismo político e ideológico da liderança independentista era pouco propenso ao reconhecimento das realidades sociais e preferiu vincar a coesão política e social baseada na cidadania – propósito político que vários autores tomaram pelo valor facial – a realçar diferenças culturais, cujo peso na modelação da sociedade são-tomense era, cumpre assinalá-lo, efectivamente reduzido.

Também devido aos contornos do projecto independentista, os Angolares só foram promovidos a ícone cultural do país depois do colapso do regime do partido único. Como que em contraponto à inflexão “ocidental”, supostamente materializada no liberalismo político e económico, a vida quotidiana africanizou-se. A valorização da cultura denota uma procura de uma âncora que sirva de referência para a construção (pensada) da futura sociedade são-tomense, isto se, entre outras circunstâncias, a vertigem de um mundo globalizado e acelerado proporcionar esse desiderato aos são-tomenses.

Depois de intenções relativamente ao desenvolvimento da comunidade dos Angolares (veja-se Nazaré CEITA), os estudos sobre Angolares fizeram-se fora do país. Destaquem-se os artigos de Fernando Ferreira da COSTA, nos quais visava alcandorar o meio social angolares a uma unidade política independente e socialmente harmoniosa, reduzida à sujeição colonial no terceiro quartel de Oitocentos, segundo uma analogia com a narrativa da agressividade colonialista na corrida

12 A análise lúcida e atenta da evolução do arquipélago no pós-independência permitiu a EYZAGUIRRE construir hipóteses muito interessantes acerca da repartição do poder entre os vários grupos – mormente, ilhéus e ex-serviçais – com relação à evolução da estrutura da propriedade fundiária, nacionalizada após a independência. O acerto da interpretação do pós-independência não obriga a acompanhar EYZAGUIRRE na leitura do arquipélago como uma sociedade plural e menos ainda a “torcer” a história remota para verificar as premissas de um tal modelo teórico. Para TENREIRO, embora não integrada ou socialmente harmoniosa, São Tomé também não era uma sociedade plural, cf. 1961: 210 e ss.



para África. Ora, o percurso dos Angolares é bem mais sinuoso e, certamente, bem mais plural do que de uma (imaginada) unidade política africana em luta contra a agressão colonialista. Um dos contributos mais recentes é o da dissertação de mestrado de Joana FEIO que aborda, numa perspectiva a um tempo histórica e antropológica, a construção da etnicidade dos Angolares no contexto das múltiplas mutações da sociedade são-tomense.

Contribuições interessantes pelo seu carácter inovador foram as de Arlindo CALDEIRA, designadamente o seu estudo sobre a sexualidade e as mulheres na sociedade são-tomense desde a descoberta aos alvares de Oitocentos. O autor leu de forma muito sugestiva os elementos esparsos e construiu um quadro das relações de género – se assim se pode falar – no referido período. Menos valiosa será a menção ao proto ou pré-nacionalismo crioulo, que não existirá em finais de Setecentos e em inícios de Oitocentos, ainda que possamos concordar com uma identidade colectiva que distinguia os da terra dos de fora, mormente os reinóis.

Na história mais recente, avulta o *massacre* de Batepá, fulcral por ser considerado o momento fundador do nacionalismo são-tomense. O primeiro trabalho de explanação cuidada e criteriosa dos eventos de 1953 foi o de Gerhard SEIBERT. A passagem dos cinquenta anos sobre o *massacre de 53* ou *massacre de Batepá* tornou-se o momento azado para o surgimento de duas obras de autores são-tomenses, evidentemente interessados na valorização de um tema tão politizado. Uma dessas obras, de Manuel de Deus LIMA, fez luz sobre factos desconhecidos da fase de maior enquistamento do colonialismo, grosso modo correspondentes às primeiras décadas do Estado Novo.

A outra obra, de Carlos Espírito SANTO – que rebaptizou o evento, trocando o termo “massacre” por “Guerra da Trindade” –, tem a particularidade de fornecer informações constantes do acervo de Manuel João da Palma Carlos, advogado que, em 1953, se deslocou a São Tomé para defender as vítimas dos desvarios persecutórios das autoridades. Isso torna *A Guerra da Trindade* empiricamente muito relevante, desde logo, por permitir rebater uma afirmação que parecia uma impossibilidade a quem conhecesse São Tomé, mas que, anos a fio, passou directamente da propaganda anti-colonial para o discurso histórico, a saber, a da morte de milhares de são-tomenses em 1953 em virtude das perseguições e desmandos das autoridades coloniais. Até certo ponto compreensivelmente, esta ideia foi repetida até à exaustão por são-tomenses. Foi igualmente repetida, algo surpreendentemente, por estudiosos são-tomenses e, também, por estrangeiros.

Ambas as obras têm uma tónica nacionalista e diabolizam Gorgulho em detrimento de uma análise mais serena das razões dos desmandos. Por isso, malgrado as importantes contribuições empíricas das obras de Carlos Espírito SANTO, de Manuel de Deus LIMA e de Gerhard SEIBERT, nenhuma parece reunir a clarividência do pequeno texto de René PELISSIER, intitulado “La ‘guerre’ de Batepá (São Tomé – Février 1953)”¹³, publicado no já longínquo ano de 1972.

Em São Tomé, os líderes políticos e os militantes da independência fazem deste evento uma espécie de momento fundador do nacionalismo são-tomense, na medida em que a indignidade moral do colonialismo teria apartado definitivamente os são-tomenses dos colonos. Esta ideia, até hoje incontestada, carece de melhor prova, na medida em que assenta numa leitura condicionada pela posterior evolução política e menos numa investigação que a sustente teórica e empiricamente.

Relações históricas e âncoras para o futuro

Algum caminho foi percorrido. À margem da sua relevância histórica, a pesquisa de temas relacionados com o quotidiano ou com a transformação da própria natureza – a criouliização e a transformação da paisagem e da vida através da aclimação de plantas oriundas de outras paragens, a que alude Iolanda AGUIAR – tem chamado a atenção para várias possibilidades a explorar em termos de conhecimento do arquipélago.

¹³ Publicado na *Révue française d'études politiques africaines* n.º 73.



Falta aprofundar as relações com o Brasil e, não é demais lembrá-lo, com África. Falamos, evidentemente, da costa do Golfo e, também, de Angola. É curioso que a história do pós-liberalização política parecesse ser a do abandono desta última âncora, Angola – sustentáculo da independência e do regime de partido único sob a chefia do Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe –, em direcção ao Golfo, isto é, aos pontos de contacto na costa mais próxima com os quais a interacção praticamente cessou com a recolonização desencadeada a partir de meados de Oitocentos. Muito recentemente, já depois da parceria com a Nigéria, o arquipélago volta a reafirmar as relações com Angola, o que parece voltar a conferir acuidade à imagem da fronteira a passar pelo arquipélago, já não a da expansão do cacau, mas a da definição das áreas de influência por parte das potências regionais, Angola e Nigéria. Definição na qual a história pesa alguma coisa, dir-se-á...

Acerca de alguns dos vectores culturais que se infere terem sido levados para o Brasil, pode legitimamente colocar-se a questão de se saber se não vieram de lá... como certamente vieram o café e o cacau, disseminado, supõe-se, a partir de São Tomé pelos territórios do Golfo. É com base na geografia, na história e, menos confessadamente, no exemplo bem sucedido de outros arquipélagos que São Tomé e Príncipe almeja ser uma base logística – foi-o no período final do colonialismo, aquando do apoio à fracassada dissidência do Biafra – e de prestação de serviços na região.

Dada a dinâmica do sector cultural, a história fornecerá bases para a celebração do país. Assim o atesta o êxito da exposição em São Tomé de documentos fotográficos e cinematográficos do Instituto Vale Flor e, bem assim, do livro *São Tomé ponto de partida*, da autoria, entre outros, de Mendes FERRÃO e de Carlos Agostinho das NEVES.

Notas finais

Adoptando uma posição pragmática relativamente às possibilidades de realização pessoal e profissional e, simultaneamente, respondendo à premência do processo de construção nacional, os são-tomenses têm privilegiado as ciências sociais mais directamente viradas para as questões do desenvolvimento. Este é o percurso do comum dos estudiosos com formação em várias disciplinas sociais e, até, de alguns historiadores (caso, por exemplo, de Armindo AGUIAR). Não só o saber histórico não confere posições sociais de destaque a que, por norma, se associam as garantias no plano económico, como não existe um ambiente académico e cultural que proporcione estímulo e retorno ao trabalho intelectual.

Porém, a percepção de perda de determinação sobre o futuro suscita interrogações dirigidas à história. Os são-tomenses continuam a andar à roda das questões atinentes à sua identidade, à qual, defendem alguns, devem ajustar o seu modelo constitucional para o tornar mais consentâneo com a matriz cultural são-tomense e, daí, retirar ganhos políticos e sociais. Alguns ilhéus olham interrogativamente a história, pensando aí procurar as raízes do que hoje se lhes vai afigura ser a sua identidade, a designada santomensidade ou são-tomensidade. Embora não seja condição bastante, esta inquietação poderá impelir ao primeiro passo para um saber histórico imprescindível a todas as sociedades.

Bibliografia

- AAVV, 2001, 1º Colóquio internacional sobre as línguas nacionais de S. Tomé e Príncipe, *São Tomé, Ministério da Educação e Cultura*
- AAVV, 2008, *São Tomé ponto de partida, Instituto Marquês de Valle Flor*
- ABREU, João Viegas Vilhete de, 1992, *Motivações empresariais em S. Tomé e Príncipe, dissertação de mestrado, Lisboa, ISCTE*
- AGUIAR, Armindo, 1989, "As migrações na génese da nacionalidade santomense" in *I Reunião*



Internacional de História de África – Relação Europa-África no 3º quartel do séc. XIX, Lisboa, IICT-CEHCA

- _____. 2001, A distribuição de terra, factor de desenvolvimento sócio-económico em S. Tomé e Príncipe: o caso do distrito de Lobata, *dissertação de mestrado*, Lisboa, ISCTE
- AGUIAR, Iolanda Trovoada, 1998, “Viabilidade sócio-económica das unidades agrícolas familiares de algumas comunidades de Água-Izê. Estudo de caso de desenvolvimento rural em S. Tomé e Príncipe”, comunicação ao Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Maputo, policopiado
- _____. 2002a, “Privatização e ficção estatal: o caso de São Tomé e Príncipe”, comunicação ao congresso *Portuguese-African Encounters*, Brown University, Providence, texto policopiado
- _____. 2002b, “São Tomé e Príncipe plantas e povos origens e consequências” in *Actas do VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, Porto, CEA da Universidade do Porto
- ALBUQUERQUE, Luís de, 1989, “A colonização de São Tomé e Príncipe: os capitães do século XV” in ALBUQUERQUE, Luís de, *Portugal no Mundo*, vol. II, Lisboa, Publicações Alfa
- ALEGRE, Francisco Costa, 2005, *Santomensidade*, s. l., UNEAS
- ALENCASTRO, Luiz Felipe, 2000, *O trato dos viventes. Formação do Brasil no Atlântico Sul. Séculos XVI e XVII*, São Paulo, Companhia das Letras
- AMADO, Lúcio Barbosa Neto, 2002, *S. Tomé e Príncipe no período pós-colonial (de 1975 a 1991). O percurso do sistema educativo*, dissertação de mestrado, Lisboa, ISCTE
- AMBRÓSIO, António, 1984, *Subsídios para a história de S. Tomé e Príncipe*, Lisboa, Livros Horizonte
- _____. 1985, “Para a história do folclore são-tomense” em *História* n.º 81, Lisboa
- _____. 1988, *Algumas notas biográficas do mestre Viana da Mota*, Sintra, Instituto de Sinta
- _____. 1989, “A fundação da Poçom (S. Tomé): uma capital em África” in *Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a sua época. Actas*, Porto, Universidade do Porto
- _____. 1992, “O danço Congo de São Tomé e as suas origens” in *Leba* n.º 7, Lisboa
- _____. 1993, “Alguns problemas da evangelização em África no século XVI. D. Frei Gaspar Cão, OSA, Bispo de S. Tomé (1554-1574)” in *Missionação portuguesa e encontro de culturas*, Braga, Universidade Católica Portuguesa
- _____. 1994, “A missionação portuguesa em S. Tomé” in *Encontro de culturas. Oito séculos de missionação portuguesa*
- _____. s.d., *Dona Simoa de S. Tomé em Lisboa. O testamento e a sua capela*, s.l.
- ARAÚJO, Benedita, 1996, “A ilha de S. Tomé. Alguns problemas históricos” in *Clio*, nova série, vol.1, revista do Centro de História da Universidade de Lisboa
- BAPTISTA, Augusto, 2001, *Floripes negra*, Coimbra, Cena Lusófona
- BARBOSA, José Gomes, 2001, *Políticas públicas e estratégia de desenvolvimento para S. Tomé e Príncipe*, dissertação de mestrado, Lisboa, ISEG – UTL
- BARROS, Ana Rosa Viegas, 1995, “Reforma agrária e suas perspectivas em São Tomé e Príncipe” in *1ªs Jornadas sobre a agricultura de São Tomé e Príncipe*, Lisboa, IICT
- BONFIM, Feliciano do Nascimento de Jesus, 2001, *S. Tomé e Príncipe: realidades sociais, económicas e opções de desenvolvimento para o século XXI*, dissertação de mestrado, Lisboa, UTL – ISEG
- BONFIM, João do Sacramento, 2000, *Os processos migratórios em S. Tomé e Príncipe e a corrente portuguesa*, dissertação de mestrado, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra
- BRAGANÇA, Albertino, 2000, “Mudanças culturais em São Tomé e Príncipe”, dactilografado
- BRANCO, Rafael e VARELA, Afonso, 1998, *Os caminhos da democracia*, Amadora



- BRITO, Brígida Rocha (coord.), 2009, *Desenvolvimento comunitário: das teorias às práticas. Turismo, ambiente e práticas educativas em São Tomé e Príncipe*, CEA-ISCTE
- CAHEN, Michel, 1991, “Arquipélagos da alternância: A vitória da oposição nas ilhas de Cabo Verde e de São Tomé e Príncipe” in *Revista Internacional de Estudos Africanos* n.º 14-15, Lisboa, CEEA-IICT
- CABRAL, João de Pina, 1991, “O sagrado e o drama” in *Análise Social* n.º 111, ICS
- CALDEIRA, Arlindo, 1999, *Mulheres, sexualidade e casamento em São Tomé e Príncipe (séculos XV-XVIII)*, 2ª edição, Lisboa, Edições Cosmos – Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses
- _____, 2000, introdução, tradução e notas de *Viagens de um piloto português do século XVI à costa de África e a São Tomé*, Lisboa, CNCDP
- _____, 2001, “«A terra que seus pais povoaram e defenderam...» A questão do protonacionalismo em São Tomé e Príncipe nos séculos XVII e XVIII” in *Anais de História de Além-Mar* n.º 2, Lisboa, CHAM
- _____, 2005, “A sociedade” in MATOS, Artur Teodoro de, *A colonização atlântica*, tomo 2, Lisboa, Editorial Estampa
- _____, 2006, texto, introdução e notas de PINTO, Manuel do Rosário, 2006, *Relação do descobrimento da ilha de São Tomé*, Lisboa, FCSH-CHAM
- CAMPOS, Fernando Rui de Sousa, 2000, *A cooperação internacional face às estratégias políticas e de desenvolvimento em São Tomé e Príncipe*, dissertação de mestrado, ISCTE, Lisboa
- CAMPOS Viriato, 1971, “Os dias de descobrimento das ilhas de S. Tomé e Príncipe” in *Elementos de história da ilha de S. Tomé (em comemoração do V centenário do descobrimento)*, Lisboa, CEM
- CARREIRA, António, 1983 (2ª edição) [1977], *Migrações nas ilhas de Cabo Verde*, Instituto Cabo-verdeano do Livro
- CARVALHO, Arlindo Afonso de, 2001, *Os constrangimentos estruturais do processo de desenvolvimento em S. Tomé e Príncipe: Interferência mútua espaços políticos e económico, dissertação de mestrado*, Lisboa, ISCTE
- CARVALHO, Filipe Nunes de, 1989, “A disputa pelo domínio dos portos e ilhas de África” in *Portugal no Mundo*, vol. III, Lisboa, Publicações Alfa
- CEITA, Dinasalda Santana de, 2006, *São Tomé e Príncipe: distribuição territorial e mobilidade da população feminina*, Maputo, CEP-UEM
- CEITA, Maria Nazaré, 1991, “Ensaio para uma reconstituição historico-antropologica dos Angolares de S. Tomé”, policopiado
- _____, 1995, “Cidades: construção e hierarquização dos espaços e dos homens (o caso de S. Tomé e Príncipe)” in *Construção e ensino da história de África*, Lisboa
- _____, 1998a, “Perspectivas dos estados e nações dos cinco. As questões étnicas no processo de democratização” in *Que estados? Que nações em construção nos cinco?*, Praia, Fundação Amílcar Cabral
- _____, 1998b, “A evolução do mundo rural em S. Tomé e Príncipe” in *Actas do V Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, Maputo, edição em CR-ROM
- _____, 2001a, “A reforma agrária em S. Tomé e Príncipe: período pós-colonial”, policopiado
- _____, 2001b, “A importância da tradição oral” in *Baté Mom* n.º 4, vol.3, S. Tomé, UNEAS
- CHABAL, Patrick, 2002, *A history of postcolonial lusophone Africa*, Londres, Hurst & Co
- CLARENCE-SMITH, W. Gervase, 1989, “Creoles and peasants in São Tomé, Príncipe, Fernando Póo and Mount Cameroun, in the Nineteenth Century” in *I Reunião Internacional de História de África – Relação Europa-Africa no 3º quartel do Séc. XIX*, Lisboa, IICT



- _____ 1990, *O terceiro império português (1825-1975)*, Lisboa, Teorema
- _____ 1991, “O papel dos custos do trabalho no florescimento e declínio das plantações de cacau em S. Tomé e Príncipe” in *Revista Internacional de Estudos Africanos* n.ºs 14-15, Lisboa
- _____ 1993, “Labour Condition in the Plantations of São Tomé and Príncipe, 1875-1914” in *Slavery & Abolition* n.º 1, vol.14, Londres
- CLARENCE-SMITH, W. Gervase e RUF, François, 1996, “Cocoa Pioneer Fronts: The Historical Determinants” in CLARENCE-SMITH, William Gervase (ed.), *Cocoa Pioneer Fronts since 1880. The Role of Smallholders, Planters and Merchants*, Londres, MacMillan Press Ltd
- COSTA, Cátia Miriam, 2005, *Mundo luso-tropical*, Lisboa, Editorial Minerva
- COSTA, Elias e CORREIA, Rui, 1996, *Ilha do Príncipe*, Aveiro
- COUTO, Amaro Pereira do, 1997, *O processo democrático*, tomo 1, São Tomé, Coleções Ponta d’Acha
- DENY, L. M. e RAY, Donald I., 1998, “São Tomé & Príncipe”, Londres, Pinter Publishers
- EYZAGUIRRE, Pablo, 1986, *Small Farmers and Estates in Sao Tome, West Africa*, Ph. D. dissertation, Yale University
- _____ 1988, “Competing Systems of Land Tenure in an African Plantation Society” in DOWNS, R. E. e REYNA, S. P. (eds.), *Land and Society in Contemporary Africa*, Hanover, U. P. of New England N. H.
- _____ 1989, “The Independence of São Tomé e Príncipe and Agrarian Reform” in *The Journal of Modern African Studies*, 27, 4
- _____ 1993, “Plantations, state farms and smallholders: cocoa production in São Tomé”, Londres, SOAS, *Cocoa and Development Conference*
- FEIO, Joana Areosa, 2008, *De étnicos a ‘étnicos’: uma abordagem aos ‘Angolares’ de São Tomé e Príncipe*, dissertação de mestrado, ISCTE, Lisboa
- FERNANDES, Manuel Vaz, s. d., *Os imbrógljos das transições em S. Tomé e Príncipe 1974-1991*, dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra
- FERREIRA, Manuel Ennes, 1990, “Pobreza absoluta e desigualdades sociais, ajustamento estrutural e democracia na R. D. São Tomé e Príncipe” in *Revista Internacional de Estudos Africanos*, Lisboa, CEEA-IICT
- FILHO, Wilson Trajano, 1992, “Auto de Carnaval em São Tomé e Príncipe: fato e texto”, Brasília, Universidade de Brasília, Série Antropologia, <http://www.unb.br/ics/dan/Serie124empdf.pdf>
- FRYNAS, Jędrzej George, WOOD, Geoffrey and OLIVEIRA, Ricardo M. S. Soares de, 2003, “Business and politics in São Tomé e Príncipe: from cocoa monoculture to petro-state” in *African Affairs* 102, Royal African Society
- GARFIELD, Robert, 1971, *A history of São Tomé island, 1470-1655*, Ph. D. dissertation, Northwestern University, Evanston, Illinois.
- GOMES, Carlos Bragança, 1998, *Políticas de cooperação e estratégias empresariais em África: o caso de S. Tomé*, Lisboa, policopiado
- GALLET, Dominique, 2001, *São Tomé et Príncipe*, Paris, Karthala
- GUEDES, Armando Marques et al., 2002, *Litígios e legitimação. Estado, sociedade civil e direito em S. Tomé e Príncipe*, Coimbra, Almedina
- GURAN, Milton, 1999, *Agudás. Os ‘brasileiros’ do Benin*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira
- HENRIQUES, Isabel Castro, 1989, “O ciclo do açúcar em São Tomé nos séculos XV e XVI” in ALBUQUERQUE, Luís de, *Portugal no Mundo*, vol. I, Lisboa, Publicações Alfa
- _____ 2000, *São Tomé e Príncipe. A invenção de uma sociedade*, Lisboa, Vega
- História das ilhas de S. Tomé e Príncipe*, 1974, Porto, edição de N. Oliveira



- HODGES, Tony e NEWITT, Malyn, 1988, *São Tomé and Príncipe. From Plantation Colony to Microstate*, Londres, Westview Press
- JESUS, Adelino Jorge de Bom, 1998, *Médias empresas agrícolas de S. Tomé e Príncipe: sistemas de produção e necessidade de crédito agrícola*, dissertação de mestrado, Lisboa, ISA-UTL
- LABAN, Michel, 2002, *São Tomé e Príncipe. Encontro com escritores*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida
- LIMA, José de Deus, 2002, *História do massacre de 1953 em S. Tomé e Príncipe*, São Tomé
- MACEDO, Fernando de, 1996, 3ª ed., *O povo angolano de S. Tomé e Príncipe*, São Tomé, Instituto Rei Andreza para a Cooperação e Desenvolvimento
- MACQUEEN, Norrie, 1998, *A descolonização da África portuguesa. A revolução metropolitana e a dissolução do Império*, Editorial Inquérito
- MAINO, Elisabetta, 1999, “A identidade santomense em gestão: desde a heterogeneidade do estatuto de trabalhador até à homogeneidade do estatuto de cidadão” in *Africana Studia* n.º 2, Porto, CEA da Universidade do Porto
- MARGARIDO, Alfredo, 1980, *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa*, Lisboa, A Regra do Jogo, 1980
- MARTINHO, José Luís Conceição, 1997, *Sistema identitário dos empresários santomenses*, dissertação de mestrado, Lisboa, ISCTE
- MATA, Inocência, 1993, *Emergência e existência de uma literatura. O caso santomense*, Lisboa, ALAC
- _____ 1998, *Diálogo com as ilhas. Sobre cultura e literatura de São Tomé e Príncipe*, Lisboa, Edições Colibri
- _____ 2004, *A suave pátria. Reflexões político-culturais sobre a sociedade são-tomense*, Lisboa, Edições Colibri
- MATOS, Artur Teodoro de, 1993, “Os donos do poder e a economia de S. Tomé e Príncipe no início de Seiscentos” in *Mare Liberum* n.º 6, Lisboa, Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses
- MENEZES, Aires Bruzaca de, 2002, *Implicações sócio-económicas da exploração do petróleo em São Tomé e Príncipe*, dissertação de mestrado, Lisboa, ISEG-UTL
- MORENO, Humberto Baquero, 1989, “Álvaro de Caminha. Capitão-mor da ilha de São Tomé” in *Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a sua época. Actas*, Porto, Universidade do Porto
- NARTEY, Robert Nii, 1986, *From slave to serviçal: labor in the plantation economy of São Tomé and Príncipe: 1876-1932*, Ph.D. dissertation, Chicago, University of Illinois at Chicago
- NASCIMENTO, Augusto, 1992, “A crise braçal de 1875 em S. Tomé” in *Revista Crítica de Ciências Sociais* n.º 34, Coimbra
- _____ 1995, “Salubridade, urbanismo e ordenamento social em S. Tomé” in *Construção e ensino da História de África*, Lisboa
- _____ 1997, “Recolonização, mutações demográficas e afluxo de degredados a S. Tomé no séc. XIX” in *História das Ilhas do Atlântico*, vol. II., Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico
- _____ 1998a, “Hegemonia das roças vs instituição municipal na ilha do Príncipe nos primeiros anos da República” in *O Município no mundo português*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico
- _____ 1998b, “A marginalidade social e política do protestantismo em S. Tomé e Príncipe (do último quartel de Oitocentos a meados de Novecentos)” em *Lusotopie*, Paris, Editions Karthala



- _____ 1998c, “O recrutamento de serviçais moçambicanos para as roças de S. Tomé e Príncipe (1908-1921)” em *Actas do Seminário Moçambique: navegações, comércio e técnicas*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses
- _____ 1998d, “A sedição de 1931 em S. Tomé”, *História* n.º 1 (Nova Série), Lisboa
- _____ 1998e, “S. Tomé e Príncipe” in ALEXANDRE, Valentim e DIAS, Jill (coord.), *O Império Africano 1825-1890*, Lisboa, Editorial Estampa
- _____ 1998f, “Humberto Delgado versus o isolamento político de São Tomé” in *Humberto Delgado. As eleições de 1958*, Lisboa, Vega
- _____ 1999a, “ALiga dos Interesses Indígenas de S. Tomé e Príncipe (1910-1926)” in *Arquipélago. História*, 2ª Série, Vol. III, Ponta Delgada, Universidade dos Açores
- _____ 1999b, “O estrangulamento do associativismo político são-tomense na década de 30” in *Revista Internacional de Estudos Africanos* n.º 18-22, Lisboa, CEEA-IICT
- _____ 1999c, “Corporações religiosas de ilhéus em S. Tomé e Príncipe do liberalismo à República” in *Estudos Afro-Asiáticos* n.º 35, Rio de Janeiro, Universidade Candido Mendes
- _____ 1999d, “Todos compadres?...” in *Revista Internacional de Estudos Africanos* n.º 18-22, Lisboa, CEEA-IICT
- _____ 2000a, *Relações de poder e quotidiano nas roças de S. Tomé e Príncipe de finais de Oitocentos a meados do presente século*, dissertação de doutoramento, Lisboa, FCSH-UNL
- _____ 2000b, “Políticas coloniais, clivagens e representações sociais no associativismo são-tomense nas primeiras décadas de Novecentos” in *A África e a instalação do sistema colonial (c.1885-c.1930). Actas da III Reunião Internacional de História de África*, Lisboa, CEHCA-IICT
- _____ 2000c, “Relações entre Angola e S. Tomé e Príncipe na época contemporânea (esboço de problematização em torno da transferência de mão-de-obra e das relações políticas)” in *Construindo o passado angolano: as fontes e a sua interpretação. Actas do II Seminário Internacional sobre a História de Angola*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses
- _____ 2000d, “Relações entre Brasil e S. Tomé e Príncipe: declínio e esquecimento” in *As Ilhas e o Brasil*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico
- _____ 2001a, “O papagaio e o falcão. A génese da autonomia na ultra-periférica ilha do Príncipe” in *Autonomia e história das ilhas*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico
- _____ 2001b, “Identidades e saberes na encruzilhada do nacionalismo são-tomense” in *Política internacional* n.º 24, vol.3, Lisboa
- _____ 2001c, *Mutações sociais e políticas em S. Tomé e Príncipe nos séculos XIX-XX: uma síntese interpretativa*, Lisboa, APAD
- _____ 2001d, “S. Tomé e Príncipe (1890-1926)” in MARQUES, A. H. De Oliveira (coord.), *O império africano 1890-1930*, Lisboa, Editorial Estampa
- _____ 2002, *Órfãos da raça: europeus entre a fortuna e a desventura no S. Tomé e Príncipe colonial*, S. Tomé, Instituto Camões – Centro Cultural Português, São Tomé
- _____ 2003a, *O sul da diáspora. Cabo-verdianos em plantações de S. Tomé e Príncipe e Moçambique*, Praia, Edição da Presidência da República de Cabo Verde
- _____ 2003b, *A misericórdia na voragem das ilhas. Fragmentos da trajectória das misericórdias de S. Tomé e do Príncipe*, SPI
- _____ 2003c, “Os são-tomenses e as mutações sociais na sua história recente” in *Africana Studia* n.º 6, Porto, CEA da UP
- _____ 2003d, *Desterro e contrato. Moçambicanos a caminho de S. Tomé e Príncipe (anos 1940-1960)*, Maputo, Arquivo Histórico de Moçambique



- ____ 2004a, “Escravidura, trabalho forçado e contrato em S. Tomé e Príncipe nos séculos XIX-XX: sujeição e ética laboral” in *Africana Studia* n.º 7, Porto, CEA da UP
- ____ 2004b, “A passagem de *coolies* por S. Tomé e Príncipe” in *Arquipélago. História*, 2ª Série, Vol. VIII, Ponta Delgada, Universidade dos Açores
- ____ 2005a, *Entre o mundo e as ilhas. O associativismo são-tomense nos primeiros decénios de Novecentos*, São Tomé, UNEAS
- ____ 2005b, “Notas sobre a valia política, simbólica e económica dos processos migratórios em S. Tomé e Príncipe” in *Arquipélago. História*, 2ª Série, vols. IX-X, Ponta Delgada, Universidade dos Açores
- ____ 2006, “Cabo-verdianos em S. Tomé e Príncipe: os contornos da consciência de *segundos europeus*” in <http://www.antropologia.net/publicacoes/actascongresso2006/cap2/AugustoNascimentoVF.pdf>
- ____ 2007a, *O fim do caminhu longi*, Mindelo, Ilhéu Editora
- ____ 2007b, *Ciências sociais em S. Tomé e Príncipe: a independência e o estado da arte*, <http://www.africanos.eu/ceaup/uploads.EB005/pdf>
- ____ 2007c, “Nem homens, nem mulheres, só contratados. Apontamentos sobre relações de género entre cabo-verdianos nas roças de S. Tomé e Príncipe” in GRASSI, Marzia e ÉVORA, Iolanda (org.), *Género e migrações cabo-verdianas*, Lisboa, ICS
- ____ 2008a, *Vidas de S. Tomé segundo vozes de Soncente*, Mindelo, Ilhéu Editora
- ____ 2008b, *Atlas da lusofonia. São Tomé e Príncipe*, Lisboa, Prefácio
- ____ 2008c, “Uma crónica de 1916, o ano da Guerra” in *Ano mágico de 2006. Olhares retrospectivos sobre a história e a cultura caboverdianas*, Praia, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro
- ____ 2008d, “Os consensos estéreis. Notas sobre a (política de) cooperação com S. Tomé e Príncipe” in *África: compreender trajectos olhar o futuro*, actas do V Congresso de Estudos Africanos no Mundo Ibérico, 4 a 6 de Maio de 2006
- ____ 2008f, “Cape-verdeans in São Tomé and Príncipe” in BATALHA, L. e CARLING, J. (ed.), *Transnational Archipelago. Perspectives on Cape Verdean Migration and Diáspora*, Amsterdam University Press
- NASCIMENTO, Augusto e DIAS, Alfredo, 1988, “Os Angolares: da autonomia à inserção na sociedade colonial” in *Ler História* n.º 13, Lisboa
- NAZARÉ, Manuel Lima de, 1995, “Segurança alimentar em São Tomé e Príncipe” in *1ªs Jornadas sobre a agricultura de São Tomé e Príncipe*, Lisboa, IICT
- NEGREIROS, A. Lobo de Almada, 1895, *Historia ethnographica da ilha de S. Thomé*, Antiga Casa Bertrand – José Bastos, Lisboa
- NEVES, Carlos Agostinho das, 1989, *S. Tomé e Príncipe na segunda metade do séc. XVIII*, Lisboa, Instituto de História de Além-Mar
- NEVES, Carlos Agostinho das, e CEITA, Nazaré, 2004, *História de S. Tomé e Príncipe*, S. Tomé
- NEVES, Carlos Agostinho das, FLORES, Jorge Manuel, MATOS, Artur Teodoro de, 1989, “A repressão contra os escravos de São Tomé (1595) e a guerra em Ceilão (1587-1617)” in *Portugal no Mundo*, vol. III, Lisboa, Publicações Alfa
- PELLISSIER, René, 1972, “La ‘guerre’ de Batepá (São Tomé – Février 1953)” in *Révue française d’études politiques africaines* n.º 73, Paris
- PINHEIRO, Luís da Cunha, 2005a, “O arquipélago do Golfo da Guiné: Fernando Pó, São Tomé, Príncipe e Ano Bom” in MATOS, Artur Teodoro de, *A colonização atlântica*, tomo 2, Lisboa, Editorial Estampa
- ____ 2005b, “O século XVI. Uma economia bem sucedida” in MATOS, Artur Teodoro de, A



- colonização atlântica*, tomo 2, Lisboa, Editorial Estampa
- RAMOS, Rui, 1986, “Rebelião e sociedade colonial: ‘alvoroços’ e ‘levantamentos’ em São Tomé (1545-1555)” in *Revista Internacional de Estudos Africanos* n.º 4-5, Lisboa, CEAA-IICT
- RODRIGUES, Cristina Udelsmann, 2004, “Os filhos não ligam. Os filhos não visitam” *O abandono de idosos em São Tomé e Príncipe*, Lisboa
- RODRIGUES, Paulo Filipe Freitas, 1997, *Impacto da distribuição de terras na economia agrícola da República Democrática de S. Tomé e Príncipe*, dissertação de mestrado, Lisboa, ISA, UTL
- ROMANA, Heitor Alberto Coelho Barras, 1996, *São Tomé e Príncipe. Elementos para uma análise antropológica das suas vulnerabilidades e potencialidades*, Lisboa, ISCSP-UTL
- RUSSELL, Hamilton, 1984, *Literatura africana, literatura necessária*, Lisboa, Edições 70
- SACRAMENTO, António Francisco do, 1996, *A problemática do crescimento demográfico no processo de planeamento do território em S. Tomé e Príncipe: análise no sector de educação, saúde e emprego*, dissertação de mestrado, Coimbra, Universidade de Coimbra
- SÁ-NOGUEIRA, Isabel Bettencourt de / SÁ-NOGUEIRA Bernardo de, 1989, “A ilha do Príncipe no 1º quartel do século XVI: administração e comércio” in *Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a sua época. Actas*, Porto, Universidade do Porto
- SANTO, Armindo Ceita Espírito, 2008, *Economia de S. Tomé e Príncipe entre o regime de partido único e o multipartidarismo*, Lisboa, Colibri
- _____ 2009, *S. Tomé e Príncipe problemas e perspectivas para o seu desenvolvimento*, Colibri
- SANTO, Carlos Espírito, 2000a, *Tipologias do conto maravilhoso africano*, Lisboa, Cooperação
- _____ 2000b, *Almas de elite santomenses*, Lisboa, Cooperação
- _____ 2001, *Enciclopédia fundamental de São Tomé e Príncipe*, Lisboa, Cooperação
- _____ 2003, *A Guerra da Trindade*, Lisboa, Cooperação
- SANTO, Severino Neto do Espírito, 1998, *Estudo de impacto socio-económico do processo de distribuição de terras na economia santomense*, dissertação de mestrado, Lisboa, ISA-UTL
- SANTOS, Argentino Pires dos, 2000, *Emergência de mecanismos de poupança e endividamento na pequena e média agricultura em S. Tomé e Príncipe*, Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa
- SANTOS, Maciel, 2009, “A compra dos ‘contratados’ para São Tomé – A fase do mercado livre (1880-1903)” in *Trabalho forçado africano. O caminho de ida*, Edições Húmus
- SANTOS, Catarina Madeira, 1996, “A formação das estruturas fundiárias e a territorialização das tensões sociais: São Tomé, primeira metade do século XVI” in *Studia* n.º 54-55, Lisboa, CEHCA-IICT
- SEIBERT, Gerhard, 1991a, *São Tomé and Príncipe after Independence From One-Party-State to Parliamentary Democracy*, Utrecht, Universidade de Utrecht
- _____ 1991b, “O Tchiloli de São Tomé” in *História* n.º 142, Lisboa
- _____ 1993, “A Problemática do Estado Pós-Colonial em África e o caso de São Tomé e Príncipe”, policopiado
- _____ 1995a, “A política num micro-estado. São Tomé e Príncipe, ou os conflitos pessoais e políticos na génese dos partidos políticos” in *Lusotopie*, Paris, Karthala
- _____ 1995b, “Há vestígios dos meninos judeus na cultura santomense?”, policopiado
- _____ 1995c, “São Tomé e Príncipe: boatos, rádio Boca a Boca e panfletos anónimos na cultura política local” in *Revista Internacional de Estudos Africanos* n.º 18-22, Lisboa, IICT-CEAA
- _____ 1996, “O massacre de Fevereiro de 1953 em São Tomé. Raison d’être do nacionalismo santomense”, policopiado



- _____. 1998, "A questão da origem dos Angolares de São Tomé", policopiado
- _____. 1999, *Comrades, Clients and Cousins. Colonialism, Socialism and Democratization in São Tomé and Príncipe*, Leiden, Leiden University
- _____. 2002a, "Democracia e corrupção. O caso de São Tomé e Príncipe" in *Actas do VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, Porto, CEA da Universidade do Porto
- _____. 2002b, "São Tomé e Príncipe" in CHABAL, Patrick, *A history of postcolonial lusophone Africa*, Londres, Hurst & Co
- _____. s.d., "A luta pela libertação nacional em São Tomé vista pela PIDE (1963-1973)", policopiado
- SERAFIM, Maria Cristina Seuanes, 2000, *As ilhas do Golfo da Guiné no século XVII (São Tomé, Príncipe e Ano Bom)*, Lisboa, Centro de Estudos de História de Além-mar, FCSH-UNL
- SERAFIM, Maria Cristina Seuanes e TOMÁS, Lúcia M. L., 2005a, "Fragilidades, conflitos e inoperâncias nos séculos XVII e XVIII" in MATOS, Artur Teodoro de, *A colonização atlântica*, tomo 2, Lisboa, Editorial Estampa
- _____. 2005b, "Os séculos XVII-XVIII. O lento declinar da economia" in MATOS, Artur Teodoro de, *A colonização atlântica*, tomo 2, Lisboa, Editorial Estampa
- SILVA, Filipa Ribeiro da, 2002, *A Inquisição em Cabo Verde, Guiné e S. Tomé e Príncipe (1536 a 1821): contributo para o estudo da política do Santo Ofício nos territórios africanos*, 2 vols., dissertação de mestrado, UNL
- SOUSA, Celso Batista de, 1990, *S. Tomé e Príncipe. Do descobrimento aos meados do século XVI: Desenvolvimento interno e irradiação no Golfo da Guiné*, dissertação de mestrado, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- SOUSA, Izequiel Batista de, 1986, *Histoire culturelle de S. Tome et Principe du XIXe siècle à nos jours*, memoire de D. E. A., Universidade de Paris I, policopiado
- _____. 2004, *D'un mussandá traditionnel à Magodinho moderne. Le nouveau monde métisse de Francisco Costa Alegre*, S. Tomé, UNEAS
- TENREIRO, Francisco, 1956a, *Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe: esquema de uma evolução conjunta*, Praia, Imprensa Nacional
- _____. 1956b, *As ilhas de S. Tomé e Príncipe e o território de São João Baptista de Ajudá*, Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa
- _____. 1961, *A ilha de S. Tomé*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar
- _____. 1964, "Relações humanas: estrutura, movimentos da população; assimilação e mestiçagem" in *V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, Coimbra
- UMBELINA NETO, Natália, 2007, *Les îles de São Tomé et Príncipe (1853-1903): de la l'abolition de l'esclavage à la généralisation des travailleurs sous contrat, les serviçaes*, dissertação de doutoramento, Universidade de Aix Marseille I
- UMBELINA, Silvestre de Barros, s.d., *Dimi-fa*, dactilografado
- _____. s.d., *O processo de implementação da autonomia do Príncipe*, dactilografado
- VALBERT, Christian 1989, "Le 'tchiloli' de São Tomé. Un exemple de subversion culturel" in *Litteratures Africaines de Langue Portugaise*, Paris, Centre Culturel Portugais
- VALVERDE, Paulo, 2000, *Máscara, mato e morte em São Tomé*, Oeiras, Celta